



O exercício da educomunicação e da cidadania no jornalismo: o trabalho de Gilberto Dimenstein¹

Fernanda de Freitas Rodrigues Neves; Isabela D’Azevedo Leite; Márcio Alexandre Brambilla; Roberta Parrão Accardo²
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo

A pesquisa analisa o trabalho realizado pelo jornalista Gilberto Dimenstein na área de educomunicação no jornalismo impresso, ressaltando o impacto de seu trabalho na literatura e em projetos sociais. Por meio de referências bibliográficas e entrevistas, pesquisamos as questões do trabalho de Dimenstein que propõe mudanças na estrutura educacional, denunciando falhas, focando áreas complementares como a violência e a cidadania.

Palavras-chave: educação; comunicação; cidadania; jornalismo; educomunicação

1. Introdução

O principal objetivo desta pesquisa é a análise do trabalho realizado pelo jornalista Gilberto Dimenstein nas áreas da educação e cidadania no jornalismo impresso, ressaltando o impacto de seu trabalho na literatura e em projetos sociais.

A pesquisa pode ser justificada pela escassez de trabalhos realizados na área jornalística e pela importância dos temas abordados. O jornalismo brasileiro é carente de análises mais profundas, principalmente nas áreas sociais. Além disso, Gilberto Dimenstein é um jornalista de destaque no que diz respeito à análise da educação, da cidadania e da violência no Brasil. Hoje em dia, no país, pode-se perceber inúmeras denúncias sobre falhas nessas áreas. Mas poucas delas apresentam soluções e propostas para melhorar a situação, como faz Dimenstein que escreve periodicamente artigos para a Folha de São Paulo e já escreveu diversos livros sobre o assunto, com o propósito de disseminar o ensino da cidadania nas escolas. Entre os livros escritos estão: *Aprendiz do*

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Proposta de Mesa - Mediações e interfaces comunicacionais.

² **Fernanda de Freitas Rodrigues Neves** Graduada da faculdade de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: nana_neves@hotmail.com

Isabela D’Azevedo Leite Graduada da faculdade de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: belinhaleite@yahoo.com.br

Márcio Alexandre Brambilla Graduando da faculdade de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: marcio_brambilla@yahoo.com.br

Roberta Parrão Accardo Graduada em Pedagogia pela Universidade São Francisco – Bragança Paulista e graduanda da faculdade de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: roberta_accardo@hotmail.com



futuro: cidadania hoje e amanhã, Escola sem sala de aula, Cidadão de papel, Meninas da Noite e Fomos maus alunos.

Para a realização da pesquisa, utilizamos o método de abordagem, já que o trabalho realizado pelo jornalista em questão influencia e propõe mudanças na estrutura educacional, denunciando falhas, focando áreas complementares como a violência e a cidadania. Também utilizamos o método de procedimento histórico, com o estudo da biografia, artigos e livros de contextualização sobre os temas abordados pelo jornalista; e procedimento histórico monográfico, pela análise de pesquisa de outros autores sobre o assunto e jornalista em questão. Como fonte, utilizamos documentos, biografia e bibliografia do jornalista estudado.

2. Gilberto Dimenstein e formação jornalística

Nascido em 28 de agosto de 1956, em São Paulo, Gilberto Dimenstein é reconhecido como um dos principais jornalistas investigativos do país. Formado pela Fundação Cásper Líbero, colunista e membro editorial do jornal Folha de São Paulo, Dimenstein é comentarista da TV Cultura e da Rádio CBN, e ainda diretor pedagógico da Cidade Escola Aprendiz. Viveu em Nova Iorque, onde estudava a forma com que os conteúdos de Direitos Humanos poderiam se encaixar no currículo escolar. A partir disso, idealizou o Projeto Aprendiz, que objetiva construir oportunidades educativas para transformar os potenciais das crianças e jovens em competências para a vida.

Influenciado pelo autor Machado de Assis e pelo jornalista Ricardo Kotscho, é autor de reportagens de repercussão nacional e internacional e ganhou vários prêmios de jornalismo nos últimos anos, entre eles dois prêmios Esso e dois prêmios Libero Baldaró de Imprensa. Suas reportagens transformaram-se em livros de sucesso, Meninas da Noite (1992), A República dos Padrinhos (1988) e Conexão Cabo Frio (1989), além de O Complô que elegeu Tancredo (1985), este realizado com outros jornalistas.

Dimenstein iniciou sua carreira em 1977, na revista Shalon e, até ir para a Folha, passou pelo O Globo na época de estagiário, Jornal do Brasil, Correio Brasiliense e revistas Veja e Visão.

Eu peguei o final da época da ditadura. Lembro quando eu comecei a trabalhar no jornal "O Globo", no Rio de Janeiro como estagiário. A palavra greve, por exemplo era proibida. Tinha que falar paralisação. Foram muitas modificações e eu tive a chance de estar num jornal como a "Folha de São Paulo". A chance e a sorte que, de alguma forma, pilotou pouco essas modificações. A "Folha" levou ao máximo o princípio da independência jornalística, se engajou em teses que no final foram conectadas com a alma da cidadania brasileira. Acho que o que



aconteceu foi o seguinte: - a imprensa ficou mais investigativa, mais independente. (www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/ent-gilberto.html)

Dimenstein, que foi um mau aluno na escola, descobriu na faculdade de jornalismo e no convívio com professores apaixonados pela profissão que “só existe um motor do aprendizado: paixão e curiosidade” (DIMENSTEIN, 2003, p. 31).

Daí se entende a força dos professores que orientam seus alunos com projetos, que são produção com começo, meio e fim. Tudo isso foi tão encantador! Era o encanto da descoberta da utilidade com conhecimento. (...) Aí foram tantos prêmios de jornalismo, que nem achava que eram para mim. Esse mau aluno, que era um ótimo aprendiz, foi meu grande mestre, para misturar a comunicação com a educação. (DIMENSTEIN, 2003, p. 30)

A partir dessa descoberta do amor pelo jornalismo, Dimenstein descobriu que poderia produzir materiais didáticos a partir da idéia do significado de informação que a comunicação lhe dava. “Quando eu virei comunicador, me transformei em alguém que tem um encanto pelo ato de comunicar como um ato de educar” (DIMENSTEIN, 2003, p.32), descreve Dimenstein. Além disso, Gilberto confessa que ter sido um mau aluno foi o “grande ato professoral” (DIMENSTEIN, 2003, p.40) já que, como comunicador, ele trabalha com a idéia de que a informação tem de atingir a pessoa, respeitar o olhar do leitor, pensando como escrever algo para o “ato de viver, do ato de sentir, do ato de aprender” (DIMENSTEIN, 2003, p.34).

Segundo Dimenstein, os trabalhos mais gratificantes foram dois livros sobre a situação da infância no Brasil: Guerra dos Meninos (1990) e Meninas da Noite, que foram feitos em livro, mas também foram para o jornal.

Foram gratificantes porque demandaram um planejamento muito grande em que pude ser só repórter durante três, quatro meses. Nesse trabalho Meninas da Noite fiquei um ano fazendo, planejando, o que acho tem que ser uma reportagem mesmo. Um tempo só planejando e outro tempo só viajando. Guerra dos Meninos foi a mesma coisa, pude viajar pelo Brasil. Então foi gratificante porque foi uma reportagem que, eu acho, tem uma qualidade razoável e teve um efeito importante: ajudar a acordar o país para a situação da infância que é uma coisa decisiva para qualquer país. (www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/ent-gilberto.html)

Quando questionado sobre quais características um jornalista não deve esquecer na profissão, Gilberto destaca duas coisas: humildade e curiosidade. “Humildade para perceber que você pode ter uma grande notícia ali na esquina, e curiosidade porque é o motor da ação. O resto vem depois. Se você não for curioso e humilde dificilmente você vai ser um repórter qualificado porque vai sempre se sentir superior aos fatos” (www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/ent-gilberto.html).

3. Visão da comunicação como processo educativo

As diretrizes curriculares para os cursos de graduação estabelecidas a partir de um processo iniciado com a publicação do Edital nº 4/97 definiram que

o perfil do egresso da habilitação Jornalismo compreende sua capacidade de produzir informações relacionadas a fatos, circunstâncias e contextos atuais, exercendo a ‘objetividade na apuração, interpretação, registro e divulgação dos fatos sociais’ e a habilidade em relacionar-se com outras áreas sociais, culturais e econômicas, traduzindo discursos e disseminando informações para qualificar o senso comum. (Parecer, 2001)

Partimos do princípio de que educação é um ato político. Nesse sentido, a captação que todo ser humano faz dos dados objetivos da realidade é naturalmente crítica, por isso, reflexiva não reflexa.

A formação ético-política no curso de Jornalismo parece, de fato, um requisito fundamental, já que deficiências nesse campo de estudo podem formar um profissional que não é capaz de perceber que seu discurso reproduz uma ideologia. Portanto, um profissional ingênuo.

Contra isso figura-se o conceito ideológico de neutralidade, que tende a esconder como as relações sociais são produzidas, assim como disfarçar as formas sociais de exploração econômica e de dominação política.

Para que haja um comprometimento do profissional com a sociedade e consiga promover mudanças sociais por meio daquilo que exerce, este precisa ser capaz de, primeiramente, refletir para depois agir. Sair de seu contexto, distanciar-se dele para que possa admirá-lo, objetivando transformá-lo. “O compromisso próprio da existência humana só existe no engajamento com a realidade” (FREIRE, 1987, p.19).

Então analisar o compromisso do profissional com a sociedade significa reconhecer que ele, antes de ser um profissional, é homem. Deve ser comprometido por si mesmo e não pode estar fora de um contexto histórico-social com o qual, ao longo da vida, constrói inter-relações. “Não é possível um compromisso verdadeiro com a realidade, e com os homens concretos que nela e com ela estão, se, desta realidade e destes homens se tem uma consciência ingênua” (FREIRE, 1987, p.21).

Em nosso país, essa ingenuidade muitas vezes surge de um problema que atinge nossas sociedades: a alienação cultural. Torna-se muito mais difícil ter um compromisso com a sociedade quando a desconhecemos, quando o objeto de estudo é estranho, antagônico a nossa cultura. Por isso, para que um profissional possa chegar a seus

objetivos, possa, por meio de sua profissão, promover importantes mudanças sociais, ele precisa ter conhecimento cultural, ser educado.

A relação entre a Comunicação e a Educação não é recente. Desde meados do século XX, graças ao intenso desenvolvimento dos meios de comunicação, a escola deixa de ser a principal fonte de informação.

Todos os alunos, independente de suas condições sociais, trazem para a escola elaborações de uma vivência num mundo onde os meios de comunicação são muito ativos. Georges Friedmann chegou a chamar a mídia de ‘escola paralela’, cujo termo conceituado pelo sociólogo Louis Porcher, passou a ser entendido como o ‘conjunto dos circuitos graças aos quais chegam aos alunos (...), de fora da escola, informações, conhecimentos, uma certa formação cultural nos mais variados domínios’. (PORCHER, *apud* FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p.10-11)

Nesse período, o foco da preocupação dos educadores era a ideologia e os conteúdos políticos explícitos e implícitos na cultura de massa, como a Escola de Frankfurt, que “desconfiava dos meios de comunicação, e cuja crítica insistia na total manipulação das ‘massas’ por centros de poder econômico e político”. (SCHULTZE, 2005, p.3)

A partir da segunda metade do século, o audiovisual (TV e cinema) foram os grandes temas nos espaços educativos. A análise crítica das mensagens dos meios e o processo de manipulação foram os grandes eixos problematizadores.

Finalmente, o desenvolvimento dos meios eletrônicos, nos anos 90, reafirmou e reconfigurou a necessidade de construção de um novo campo destinado a aproximar, de maneira crítica mas construtiva, as áreas da educação para os meios e do uso das tecnologias de ensino.

Contudo, foi na década de 70 que Paulo Freire aproximou definitivamente a Educação da Comunicação, deixando clara a importância da comunicação no processo do conhecimento.

A inter-relação entre a Comunicação Social e a Educação ganhou uma densidade própria e se afigurava como um campo de intervenção social específico, inaugurando um novo paradigma discursivo transversal, estruturando-se de modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo.

De acordo com a análise dos pesquisadores, este novo campo, o da Educomunicação estaria sendo vivenciado em quatro áreas concretas de intervenção social: 1- Educação para a Comunicação; 2- Mediações Tecnológicas na Educação; 3- Gestão Comunicativa e 4- Reflexão Epistemológica.



No mundo contemporâneo, já estão em operação espaços transdisciplinares que aproximam, tanto técnica quanto programaticamente, os campos da Comunicação e da Educação. Tais espaços foram se constituindo, ao longo do século XX, por estudos teóricos emanados por autores como Skinner (através da teoria do reforço e da recompensa); Freinet (a partir da concepção de educação como sinônimo de expressão); Paulo Freire (ao reafirmar a concepção da “educação para os meios” como atividade inerente aos programas de alfabetização e de educação popular); Martín-Barbero (com a sistematização da teoria das mediações) e Kaplún (com o conceito de comunicador educativo).

No final dos anos 90, Soares, ao consolidar o levantamento sobre as práticas integradas da educação e da comunicação na América Latina, apresenta a definição de educomunicação compreendida como toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas educacionais. Tal definição reconhece e legitima a figura do educador como o profissional que atua nas áreas do novo campo.

Soares apresenta um novo conceito de Educomunicação: “conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.” (GOMES, 2005, p.5)

Segundo o autor, são quatro os objetivos da Educomunicação:

Promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; desenvolver práticas de educação para a recepção ativa e crítica dos meios; facilitar o processo de ensino-aprendizagem através do uso criativo dos meios de comunicação e promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa. (GOMES, 2005, p.5)

3.1. Livros escritos por Gilberto Dimenstein relacionados à educação

3.1.1. Fomos maus alunos

Em Fomos maus alunos, Rubem Alves e Gilberto Dimenstein descrevem suas experiências escolares como traumáticas e bloqueadoras de criatividade. Dimenstein e Alves foram alunos curiosos e com “fome de aprender” e narram sua trajetória até a vida profissional. Outra discussão dos autores é sobre o método escolar e o pensamento sempre no futuro. Rubem Alves e Dimenstein dialogam muito sobre isso e defendem que a escola só tem validade se a cidade for incorporada à sala de aula, cujas aulas

seriam dadas fora da escola, em museus, cinemas, teatros, fábricas, oficinas, e que a base da escola seja a experimentação. A experiência dos autores é de dar inveja a qualquer um. Através desse conhecimento obtido na prática, Rubem Alves e Dimenstein puderam verificar se seus grandes sonhos seriam um dia realizados.

4. Cidadania no exercício profissional

Há algum tempo o tema cidadania passou a ser mais discutido no mundo contemporâneo, inclusive no Brasil. Ele aparece na fala de quem detém o poder político (políticos, capitalistas, etc.), na produção intelectual e nos meios de comunicação (rádio, jornal, TV), e também junto às camadas mais desprivilegiadas da população.

Na década de 60 e 70, esse tema não exercia o mesmo apelo. Falava-se de mudança social, do modelo revolucionário russo e do chinês. “Naquela época, cidadania tinha uma conotação pejorativa, espécie de engodo da democracia norte-americana, que não levaria a nada” (COVRE, 1991, p.7).

Ser cidadão significa ter direitos e deveres, ser súdito e soberano. Isso está descrito na Carta de Direitos da Organização das nações Unidas (ONU) de 1948, que tem em como base as cartas de Direito dos Estados Unidos (1776) e da Revolução Francesa (1798).

Nada melhor como conceituar o termo Cidadania pelas próprias palavras de Dimenstein.

Cidadania é a síntese das conquistas dos direitos obtidos pelos homens, orientados por um princípio básico: todos são iguais perante a lei, independentemente de raça, cor, sexo, religião e nacionalidade. O ser humano tem conhecido uma evolução dos direitos neste século: mulheres ganharam o direito de voto; leis racistas foram extirpadas; trabalhadores conseguiram proteção legal, etc. O conceito de cidadania hoje está também ligado à promoção de ações que garantam igualdade de oportunidades, assegurando a todos educação, saúde e nutrição. (DIMENSTEIN, 2005, p.2)

O ser humano é por natureza um ser que se comunica, e por isso, suas relações se estabelecem através da comunicação. Na sociedade atual, industrializada e pós-moderna, são os meios de comunicação que garantem tais processos comunicacionais. “Quase tudo o que sabemos sobre o mundo e a sociedade, sabemos-lo através dos mídia. (...) Todas aquelas disposições da sociedade que servem para propagar a comunicação, de meios técnicos de reprodução massiva” (LUHMANN, 2000, *apud* HOHLFELDT, 2005, p. 3).

O campo jornalístico começa a se diferenciar do literário a partir do século XIX e início do século XX, quando a notícia se torna mercadoria. Assim, surgem exigências para a atividade dos jornalistas. Segundo Hohlfeldt (2005), há um constante tensionamento social entre os diferentes campos (das Ciências Humanas e Sociais), quanto das práticas comunicacionais, dentre as quais o jornalismo se constitui como uma das principais.

A função dos *mass media* consiste, sobretudo, em dirigir a auto-observação do sistema da sociedade (...) Trata-se de uma observação universal, e não uma observação específica de um objeto, na medida em que os meios de comunicação de massa formam o que ele denomina de memória social. Como os mídia constroem realidades sociais raramente consensuais, constituem permanentes horizontes de incerteza que necessitam ser alimentados sempre por mais informações. (LUHMANN, 2000, *apud* HOHLFELDT, 2005, p. 5)

O princípio da construção social da realidade é que ela transcende o aqui e o agora. Assim, “todo o fato chega ao conhecimento social apenas como relato: o real não é o que ocorre, mas sim aquilo que é narrado e como é narrado pelos meios de comunicação de massa” (HOHLFELDT, 2005, p.7). O jornalismo precisa ser compreendido como importante agente de consolidação democrática, “pois opera no sentido da desqualificação do autoritarismo e das incitações históricas à violência e às cruzadas” (LIPOVTSKY, 2004, *apud* HOHLFELDT, 2005, p.8). A mídia desenvolve, dependendo da sociedade, a capacidade de discernimento através da busca e da aquisição da informação, formação de uma opinião pública consolidada e, por consequência, “o atingimento de um consenso social, graças às chamadas controvérsias ritualísticas que evitam a violência física, a marginalização social e a fragmentação política” (LIPOVTSKY, 2004, *apud* HOHLFELDT, 2005, p.8).

Ao analisarmos o jornalismo como prática social, na atualidade, nos deparamos com dois conceitos. De um lado temos a produção jornalística, com todas suas técnicas empregadas, profissionais altamente qualificados, intensa divisão do trabalho utilizando tecnologia de ponta, equipamentos sofisticados que permitem a instantaneidade informativa. A prática produtiva do jornalismo também apresenta grande potencial como elemento articulador de infinitas formas de socialização do indivíduo e da própria sociabilidade. (consideramos socialização como processo humano de integração e exercício pleno da cidadania).

E de outro lado o jornalismo se constitui como parte integrante do jogo de poder, onde atuam e se situam os grupos responsáveis pelos atos de decisão no contexto

sóciopolítico e econômico, que utilizam o trabalho jornalístico tentando alcançar objetivos que permitam a manutenção desse poder.

Uma das resultantes dessa situação é a desarticulação social do indivíduo não pertencente aos segmentos hegemônicos, o que corresponde à grande maioria da população, e sua colocação numa espécie de isolamento, através da sensação de participação ativa e de inserção no mundo global onde as informações fluem com facilidade, são de fácil acesso, abundantes e de conhecimento aparentemente irrestrito. (SOMMA, 2002, p. 1)

Mas, normalmente, as pessoas acabam não sabendo ao certo o que fazer com tais informações e, conseqüentemente, não tendo a possibilidade de agir diante delas. As informações são simplesmente consumidas sem proveito ou utilidade em termos sociais. Isso porque apesar da grande quantidade de informação, os conteúdos são ociosos, retóricos, os significados não compreendidos em sua importância e extensão.

Para que possamos entender melhor o jornalismo temos que vê-lo como parte integrante dos processos comunicacionais e ao mesmo tempo buscar essa compreensão a partir de sua prática produtiva da mídia eletrônica - rádio e televisão que têm maior possibilidade de atuação junto a um grande público.

É necessário atentar para a prática jornalística como elemento constituinte do conhecimento sobre a realidade, ou de aproximação representativa simbólica com o real. Ele representa também um instrumento valioso a ser usado, visando garantir o direito social à informação. (SOMMA, 2002, p. 1)

O jornalismo se liga permanentemente com o exercício do poder e com as questões indissociáveis da cidadania. “Assim, ele contém no interior de sua prática um caráter ideológico permanente, o qual pode levar à manipulação e obtenção do conformismo do público” (SOMMA, 2002, p.2).

Para conhecer em profundidade a prática jornalística, é fundamental saber as regras de funcionamento dos veículos, seus sistemas de propriedade, as técnicas e fórmulas empregadas para produzir e difundir informações.

No interior da indústria cultural há a presença permanente de contradições. Ali ocorre uma luta de classes.(...) Contradições existem tanto no momento da produção como no de recepção de um produto qualquer da indústria cultural e que ele, assim, nem representa uma manifestação monolítica da ideologia burguesa nem é consumido pela audiência de forma uniforme e passiva. (SILVA, Lins da. *apud* SOMMA, 2002, p.2)

Até certo ponto, o jornalismo é praticado dentro de um sistema que prioriza o monopólio da informação, mas ao mesmo tempo sua prática produtiva desempenha papel relevante no exercício de cidadania oferecido como serviço ao público.

Mas o que realmente pesa é a concorrência entre as empresas jornalísticas, e a característica comercial do jornalismo em busca dos "consumidores" de informação. Os conteúdos veiculados, e mesmo a forma dos produtos jornalísticos, sobretudo na televisão, são muito semelhantes. Não apresentam uma pluralidade ideológica, nem mesmo percorrem caminhos alternativos que levem em conta o interesse público.

As pautas, aparentemente “interesse do público”, podem até satisfazer simples curiosidades, mostrar coisas grotescas, chocantes, ou ainda ter o papel de defensor dos menos favorecidos, com denúncias feitas antes para mostrar que se está ao lado daqueles que não são ouvidos nem atendidos pelo serviço público. Entretanto, raramente as soluções para os problemas apontados aparecem, nem existe uma cobrança mais efetiva junto aos responsáveis pela adoção de medidas para buscar sua solução.

“Confundem-se, então, o caráter político-ideológico e o caráter mercantil do jornalismo, com princípios e normas de atuação dos próprios meios de comunicação de massa” (SOMMA, 2002, p.3). Podemos afirmar, então, que o jornalismo existe, antes de tudo, em função da necessidade de reafirmação de determinada ideologia, a qual precisa ser reconhecida e aceita, embora isto se faça de forma sutil e pouco perceptível, e de uma atividade comercial que busca resultados de acumulação e concentração de capital.

Por outro lado, o jornalismo também teria sua finalidade voltada para o desenvolvimento social e às transformações democráticas da sociedade. A relação direta que se estabelece é entre o jornalismo, sua prática, e aquilo que ele produz de modo efetivo na condição de mercadoria.

O jornalismo é estabelecido como prática importante na constituição de velhas e novas formas de socialização do sujeito em nossa cultura. A atividade jornalística mantém, assim, uma ligação indissociável com a tentativa da conquista, e do exercício, da cidadania em sua plenitude, no que se refere à garantia do direito social à informação.

Estar informado, e ter a possibilidade de conhecimento do que acontece, dispor de dados que levem à reflexão sobre situações de suma importância na vida social quer em seus aspectos políticos, econômicos, éticos, culturais ou científicos, tomando decisões e as colocando em prática, significa exercer com dignidade a cidadania. (SOMMA, 2002, p. 04)

O profissional de jornalismo deve ser um agente mediador, que apreende, interpreta, reelabora os fatos, produzindo sentidos por meio de uma exposição às manifestações emanadas da dinâmica sócio-cultural em que vive e se relaciona com



outros sujeitos. Sem esquecer de noções tradicionais de objetividade, imparcialidade, neutralidade e isenção, que balizam o trabalho jornalístico.

Sem esses requisitos a grande maioria da população atingida pelos produtos da prática jornalística, e na dependência do discurso jornalístico transmitido, continuará exercendo uma cidadania de segunda categoria, marcada pela negação do direito à informação e pela produção simbólica de significados alienadores, condicionantes, manipuladores e influenciadores que reproduzem e legitimam valores e visões dos estratos hegemônicos da sociedade.

A conexão entre jornalismo como prática comunicativa e as formas diversas de socialização exige ainda conhecimentos históricos acerca da cidadania como direito. A concepção de cidadania se liga ao desenvolvimento urbano industrial capitalista no século XVIII, época em que as relações sociais começam a se realizar no interior de uma complexa rede de determinações entre os indivíduos e entre eles e a sociedade. (SOMMA, 2002, p. 05)

4.1. Livros escritos por Gilberto Dimenstein relacionados à cidadania

4.1.1. Aprendiz do futuro: cidadania hoje e amanhã

O livro *Aprendiz do futuro: cidadania hoje e amanhã* tem como objetivo ser um material didático que prepare o jovem para seu futuro profissional e tenha contato com conceitos básicos para o entendimento da realidade mundial e brasileira no final do século XX. Está dividido em cinco partes e mostra aos estudantes (aprendizes) os desafios e exigências que irão se deparar no século XXI. Escrito em 1999, alguns dados e informações do livro estão ultrapassados, mas a densidade de conteúdo supera esses detalhes. Com sua mudança para Nova York, Gilberto Dimenstein teve contato com novos costumes. Viajou muito e conheceu os extremos da riqueza e da pobreza. Por onde andava, ouvia idéias, registrava experiências sociais capazes de alargar os poderes do cidadão” (DIMENSTEIN, 1999, p.7). De Nova York, Dimenstein transmitia suas idéias e experiências para o jornal *Folha de São Paulo*, publicando em sua coluna “os avanços do primeiro mundo e a miséria do terceiro” (DIMENSTEIN, 1999, p.7).

Dimenstein aborda as conseqüências do avanço tecnológicos no século XXI, como aumento do desemprego.

Empregos são dizimados por causas de máquinas cada vez mais sofisticadas, trazendo ainda mais desafios a um país como o Brasil, cuja renda está concentrada nas mãos de uma minoria e que está contaminado pelos colapsos da educação e da saúde. Temos de lidar com o século XXI, mas carregando problemas muito antigos que têm suas raízes na escravidão, como a falta de terra para trabalhadores num país enorme extensão territorial. (DIMENSTEIN, 1999, p.7)



Ao longo de todo o livro, Dimenstein passa emoção, sem revelar somente números, e sim personagens reais que retratam a realidade descrita, e faz isso porque considera que “o papel do educador é estimular e administrar a curiosidade. E porque, na era da informação, o aprendiz do futuro é o aprendiz permanente” (DIMENSTEIN, 1999, p.7). Além disso, em todas as partes, Dimenstein ressalta a falta de importância dada à prática da cidadania entre países pobres e ricos.

A globalização e a Internet são outros temas abordados por Dimenstein, que as considera restritas a países ricos e emergentes. Em um mundo com desigualdades sociais e econômicas tão grandes, as consequências da globalização em países em desenvolvimento, como o Brasil, são a intensificação da competitividade das empresas e do desemprego. A criação e globalização da Internet possibilitou a circulação de idéias, informações e produtos em uma velocidade jamais imaginada até então. Mas, infelizmente, o acesso à Internet é restrita aos favorecidos financeiramente e educacionalmente. Sugere-se aqui também a exclusão digital de milhares de brasileiros que não têm acesso nem à escola, quem dirá a computadores conectados na Web.

O problema é que a tecnologia está disponível, mas para poucos, No Brasil, quando falamos de exclusão social, pensamos nos sem-terra, sem-teto – além dos “sem-emprego” e ‘sem-salário’. A cidade do futuro ensina que se forma uma nova categoria de excluídos dos benefícios sociais: os “sem computador”. (DIMENSTEIN, 1999, p.22)

4.1.2. Meninas da noite

Durante seis meses, o jornalista Gilberto Dimenstein investigou a rota do tráfico de meninas no Norte e Nordeste do Brasil, viajando pelo submundo da prostituição infantil. O livro *Meninas da noite* é o resultado dessa experiência e traz, com detalhes, cada passo da investigação, mostrando como foi possível encontrar traficantes e um cativo de meninas-escravas protegido pela selva-amazônica.

Com um estilo no qual predomina a descrição, o autor valoriza os detalhes do cenário e de cada personagem. Os onze capítulos são ilustrados com fotos e em cada um deles, Dimenstein mostra como conseguiu encontrar os lugares certos e como conseguiu abordar as meninas prostitutas. Ao longo da obra, o leitor passa a conhecer um pouco mais sobre esse universo da prostituição: linguagem e códigos usados pelas prostitutas, a relação entre tráfico de drogas e prostituição, desejos e sentimentos das meninas que vivem essa realidade.

A questão da cidadania é abordada durante toda a obra, que apresenta a falta de informação e as condições precárias nas quais muitas das meninas são submetidas a

viver. “Depois que ficou grávida, Ana parou de manter relações com homens: Será que machuca o nenê?, pergunta. A pergunta denuncia a falta de informação” (DIMENSTEIN, 1992, p. 29-30). Segundo o autor, a pobreza vai tornando normal a promiscuidade.

Muitas meninas acabam na prostituição por descaso dos pais ou violência física e sexual dentro de casa. Por outro lado, algumas são convencidas de que vão trabalhar em restaurantes e acabam forçadas a prostituição e muitas vezes até ao tráfico de drogas. “As meninas são usadas como formiguinhas. Elas entregam drogas para proteger os adultos” (DIMENSTEIN, 1998, p.77).

Ao fim do livro, Dimenstein relata que as denúncias que fez, envolveram políticos da época e acabaram virando uma série de reportagem muito criticada pelo Diário do Pará. Mas que conseguiu chegar ao seu objetivo e levou a polícia até Cuiú-Cuiú. Em uma sexta-feira, um helicóptero da Polícia Federal chega para levar as prostitutas. Apesar da vitória, há a consciência de que muitas dessas meninas, resgatadas nesse dia, vão voltar para a prostituição, já que não tiveram estudo, e não tem profissão. Mesmo assim, o trabalho de Dimenstein chocou e conscientizou, denunciando crimes e uma realidade até então desconhecida por muita gente

4.1.3. Cidadão de papel

O autor mostra, passo a passo, como funciona nossa sociedade, em que os Direitos Humanos não são respeitados. Segundo ele, existe uma rede que une o assassinato de crianças, a violência, a fome e a falta de escola com o desenvolvimento da economia, a crise da educação, a falta de emprego. Entender essa rede contribui para que os jovens possam mudar a realidade e construir uma sociedade verdadeiramente democrática.

No livro, produzido nos primeiros anos da década de 90, Dimenstein se dirige de maneira adequada aos jovens para se comunicar, na linguagem deles, sobre assuntos sérios que afetam seus direitos e apresenta o Brasil como uma país de grandes contrastes: uma das maiores economias do planeta e, ao mesmo tempo, um dos lugares mais socialmente injustos para se morar.

O jornalista traz discussões sobre as questões sociais e seu impacto na vida dos pequenos brasileiros, as crianças, a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos e mostra ao longo dos capítulos, com ilustrações de notícias divulgadas por



jornais brasileiros, como estamos distantes da aplicação prática de elementos básicos e fundamentais para a formação de uma sociedade democrática.

5. Considerações finais

Com o objetivo de pesquisar iniciativas brasileiras na área de educomunicação no jornalismo impresso, percebemos a relevância do tema nas ações profissionais daqueles que trabalham com comunicação.

No que diz respeito à comunicação e à educação, identificamos que as produções estão na maioria das vezes pautadas nos conceitos deixados pelo educador Paulo Freire, o que requer uma prática que dê voz a todas as parcelas da população, ou seja, libertadora.

No levantamento bibliográfico, conseguimos confirmar a premissa da escassez de trabalhos relacionados às áreas sociais, como educomunicação, cidadania e violência. E vemos nas produções de Gilberto Dimenstein um diferencial, já que em seus textos e obras, além de denunciar e criticar situações de descaso social e que ferem a cidadania do país, propõe melhorias e sugere soluções. Dois exemplos são o projeto Aprendiz, no qual é diretor pedagógico, que pretende preparar jovens da classe baixa para o mercado de trabalho, e o livro *Meninas da Noite*, por meio do qual o jornalista conseguiu tornar público o problema do tráfico de meninas na região Norte do país e até contribuir para a prisão dos acusados.

Infelizmente, não conseguimos realizar uma entrevista com o jornalista para aprofundarmos o trabalho em alguns aspectos. Porém, avaliamos que a pesquisa cumpre com os propósitos.

Esperamos contribuir na área de educomunicação e nesse sentido aumentar iniciativas que promovam ações que elevem a qualidade do trabalho jornalístico produzido no Brasil.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem; DIMENSTEIN, Gilberto. *Fomos maus alunos*. Campinas: Papyrus, 2003.

COVRE, Maria de Lourdes Mazini. *O que é cidadania*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Aprendiz do futuro: cidadania hoje e amanhã*. Editora Ática: São Paulo, 1999.



_____. *Meninas da Noite*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. 14ªed. São Paulo: Ática, 1998.

FERNANDES, Adélia Barroso. *Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público*. In: *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 1 a 5 de Setembro de 2002*. Salvador: Intercom, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Editora Pas e Terra, 1987.

GOMES, A.L.Z.. A Lei de Diretrizes e Bases e o Campo da Educomunicação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2005. Rio de Janeiro. São Paulo: Intercom, 2005.

HOHLFELDT, Antônio. *As possíveis interações do jornalismo com as ciências humanas e sociais*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2005. Rio de Janeiro. São Paulo: Intercom, 2005.

SCHULTZE, Ana Maria. *Educação, Comunicação e fotografia: estabelecendo alicerces na escola pública fundamental*. In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

SOMMA, J. *Jornalismo, Informação e Cidadania Contemporânea*. In: Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação, São Paulo: Intercom, 2002.

TEIXEIRA, Ana Paula de M. *Ética e educomunicação pelo fortalecimento do quinto poder*. In: *XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. GT: Comunicação Educativa. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

Sites:

Gilberto Dimenstein disponível em: www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/ent-gilberto.html. Acesso em 20/05/2007